



Da Inquietante Estranheza Da Ambiguidade

Liliana Denicola; Buenos Aires, Argentina; agosto de 2020

Tradutor: Marta Dieste, Montevideo, Uruguay.

Sempre me questioneei sobre as consequências que no desenvolvimento de uma análise produz a identidade sexual que o analista outorga ao seu paciente e como e quanto a imagem apoiada no sensorial é sustentada pelo preconceito e fundamentalmente, se esta impressão fará parte das resistências do analista.

Em época de enunciados que tende a uma aceitação de sexualidades que se constituem além do determinismo dado pela biologia, questiona-se, então, o que acontece na nossa prática, cujo dispositivo se encontra baseado na abstinência sensorial. Na tentativa de limitar a chegada de sinais que orientem o analista aos julgamentos na sua escuta, podemos exigir só a escuta da palavra, sabemos que isso é impossível, pois há momentos de encontro com a imagem do paciente, por exemplo, no início da sessão e no final dela.

O que é ambiguidade? Este termo nos evoca indefinição, oscilação, inconsistência que o olhar de um Outro produzirá contradição, confusão, ambivalência, como efeito do não identificável, uma inquietude que estará em consonância com a angústia de castração.

Uma característica particular no funcionamento do nosso pensamento, sob a pressão do encontro com indícios, é a tendência à classificação. Ganha-se com ela certezas, com as que nos manejamos diante da diversidade de estímulos que nos chegam do entorno e que servirão de base para preconceitos e crenças, e conseqüentemente a resistência na nossa tarefa analítica. Prontamente necessitamos situar quem está diante de nós como pertencente já a um dos termos com que costumamos manejar a sexualidade

A faixa social de púberes e adolescentes quando ainda neles a escolha do objeto não se instaurou expõe com contundência estas ambiguidades. A adolescência traduz os paradoxos da sexualidade, quase sem exceção em todas as épocas e ainda mais na atualidade, em que a ambiguidade, a falta de certezas com seguranças inseguras e certezas incertas, constituem uma particularidade, podemos arriscar, da cultura da nossa época. O indivíduo se vê enfrentado a situações que requerem mudanças permanentes, com substituições da imagem favorecidas pela tecnologia (cirurgias estéticas, cibersexo, etc.) com um domínio da flexibilidade excessiva e com a ameaça frequente de perder um lugar na sociedade. Além disso, os vínculos que se criam são laxos e instáveis.

A atmosfera de ambiguidade determina um particular mal-estar onde o ego vacila diante de ideais imprecisos. Não faz muito apelávamos a nossa percepção, a insígnias consensuadas sobre o tipo de sexo ao qual pertencia o nosso semelhante, juntamente com um suporte biológico que acreditávamos se sustentavam. Em distintas épocas se ouviram vozes em que essas certezas foram questionadas, mas nas nossas parecem se extremar tais posições. A ciência acompanha descobrindo possibilidades de mudança



FRONTERAS
33º CONGRESO
LATINOAMERICANO
DE PSICOANÁLISIS

PRIMER CONGRESO
VIRTUAL FEPAL 2020

OCTUBRE
2020



para aquilo que parecia imutável na sua contundência que era a biologia. Apresentando-se, então, ambiguidades e estados de movimento para um ou outro sexo sem uma plena definição.

Para a psicanálise a sexuação é uma travessia com diferentes avatares que tem como fator importante os dois tempos de partida com um entretempo coberto por um manto de silêncio que finaliza com uma posição do sujeito diante do gozo. Para Freud o ego procura a síntese, uma relação de forças entre as exigências pulsionais e as inibições que as contrarrestam (mais as vias de sublimação disponíveis) e alinhada com isso a neurose por outra parte, apela à sincronia. Lacan tratou de ir além da lógica fálico castrado, aporia que era oferecido a Freud pela quanto ao seu gozo.

A resignação de um dos polos e a sua conseguinte repressão conduzirá no final do complexo à escolha de um objeto e um olhar sobre si mesmo com as menores incongruências.

A neurose persiste no narcisismo e rebelde à perda, ao faltante, recorre à solução de uma imagem sem fissuras, objetivo de por si só impossível e onde se vê afetado o indivíduo como sujeito desejante.

A inquietante estranheza é como nos afeta e gera um sentimento a percepção do ominoso, aquilo que é familiar e, por sua vez, alheio. Aquilo íntimo que nos interpela com um tu desde uma exterioridade em que reconhecemos algo familiar. A onipresença precipita ao sujeito na inquietante estranheza e é a possibilidade de enquadrar isso horripilante, lúgubre e que não pode ser mencionado, o que salva o sujeito com o suporte-marco da fantasia. A onipresença do objeto, não a sua falta, desponta a inquietante estranheza e daí à angústia se não encontra o marco da fantasia.

A imagem com intenção de plenitude acarreta a sua apresentação uma estranheza que se corresponde com a percepção da presença onde algo devia faltar. A indefinição a qual nos referimos é o de um narcisismo que elude a radical presença do órgão masculino. A indeterminação acima de tudo interpela. A ambiguidade permite admitir diferentes interpretações e como consequência gera incerteza e confusão. O inconsciente ignora a diferença sexual e esta ambiguidade remete a um narcisismo primário absoluto, por isso Freud prefere falar de posições do sujeito diante do gozo, mais do que de sexualidades.